

Apresentação

Nesta edição temos uma sequência de estudos que retomam a questão da existência judaica, a situação de estranhamento individual e social produzida pela condição onipresente do deslocamento em qualquer cenário que se apresente, através dos tempos de “exílio”. As consequências dessa situação são muito bem conhecidas na história e na produção artística e literária produzida em diversas partes do mundo sobre a mesma temática geral. Como se pode verificar no romance *O Centauro no Jardim*, do autor gaúcho Moacyr Scliar (Porto Alegre 1937-2011), oportunamente analisado por Francielle Manini. A análise dessa obra pode ser uma boa introdução para a temática, pela síntese da questão que o romance traz, suas provocações, características da obra de Scliar que ecoa a literatura judaica do passado e da contemporaneidade, não por imitar, mas pela persistência da problemática. O autor fala da situação de centauro como possível emblema da existência judaica, do “estranho” sob lente que transforma o enigma em rotina de vida na qual esse “estranhamento” torna-se também inexplicavelmente banal e com isso temos a aberração vista de modo muito peculiar. Quem leu, recorda *O Processo*, clássico de Franz Kafka, emblemático na matéria. Numa região identificada pela figura do gaúcho, herói cavaleiro, temos uma pessoa que é metade equina – a aura inquietante espalha-se pela ficção e pela realidade, em seu questionamento existencial. A suposta rotina revela-se trágica banalidade. O desajuste emblemático também tema do romance *Solal*, de Abert Cohen (1895-1981), nascido na Grécia, de origem romena e tendo o francês por idioma literário - naturalizou-se francês em 1919. E, no estudo e tradução do trecho original, o professor e ficcionista Luis Krausz faz surpreendente síntese da situação. A partir de suas leituras e da prática de escritor, Krausz traz o trecho da obra de Cohen traduzida e acompanhada pelo texto original no rodapé, num paralelismo que ressalta a situação do tradutor-autor em xeque diante do original do texto. A leitura seria, assim, reconstituída num espelhamento que reflete e retorce o original, visto da posteridade que o absorve e renova. A ironia na mistura de realidade (conto, pseudo-crônica), de um texto comentado por Maria Inês Canedo Arigoni – tradução de narrativa intitulada *Na Casa do Ilustre Escritor*, de Octave Mirbeau (1848-1917), sobre hipocrisia e leviandade no mundo literário a propósito do Caso Dreyfuss, oficial do exército francês, judeu, acusado de traição, o que provocou onda de antissemitismo cujas marcas se perpetuariam. Como em *Solal* e tantas outras obras, estamos frente à questão da identidade judaica na qual o real é visto pelo desvio da indecidibilidade (a tradução dos trechos citados é também acompanhada do original – o que desperta outras questões no campo da expressão literária a partir de um texto tido por original, enfim, a tradução). E a pesquisadora brasileira Rebeca Serrano (mestre e atualmente doutoranda pela USP), apresenta num texto redigido em inglês sobre o romance *The Kommandant's Mistress*, de Sherri Szeman, que tem por temática o uso sexual das mulheres prisioneiras do campo nazista de tortura coletiva. E Antonia Tejada Barros traz novo estudo sobre a Shoá, dando sequência a ensaio divulgado na edição anterior dos *Cadernos*, sobre o funcionamento industrializado do campo de extermínio, agora com “Treblinka II through the written, artistic, and oral testimonies of seven Jewish prisoners”. (“Treblinka II através de testemunhos escritos e orais de sete prisioneiras judias), enquanto Joyce Rodrigues Silva Gonçalves escreve sobre

Eva Schloss, sobrevivente da Shoá. E João Paulo Vani contribui para a discussão da mesma temática em relato sobre uma experiência brasileira com o tratamento didático da matéria em pauta, no relato intitulado *Resiliência na Recordação: proposta de um aparato pedagógico para o ensino do Holocausto por meio de biografias de sobreviventes*. Na área dos estudos bíblicos, Eliathan Carvalho Leite fala sobre o feminino, a instrumentalização do mal e a tese monarquista no Sêfer Shoftim (Juízes) sobre “a transição de uma nação familiar para um Estado monárquico forte”. Também no âmbito da Bíblia Hebraica, Vitor Ericeira fala sobre o homem dividido entre o infinito e o finito temor ao Eterno e a ordem do mundo: “infinito e finito nos provérbios de Salomão”. Maria Lucia Guilherme e Saul Kirschbaum, assinam resenha sobre a tradução brasileira de *Pardês Rimonim*, ou *O Pomar das Romãs*, clássico da Cabala Hebraica escrito pelo rabino Moshê Cordovero (Safed 1522-1570). A versão é obra do rabino Yair Yalon (Diego Raigorodsky), nascido em Israel e radicado em São Paulo, para onde veio com os pais argentinos. É uma tradução pioneira da obra, clássico da Cabala, escrita em estilo didático, o que amplia o acesso e a curiosidade por uma longa viagem pelo tema. O volume tem 1.560 páginas na versão brasileira.

Moacir Amâncio